



# ACOMUNA

2010 ★ Nº21 ★ JAN. ★ TRIMESTRAL

## HÁ MAIS SOCIALISMO PARA ALEM DE LENINE

PÁGINA ★ 4

ESPECIAL  
ACOMUNA  
ONLINE



# A COMUNA 21

**04** ↙  
**O QUE FAZER  
(COM LENINE)?**  
BRUNO GOIS  
JOANA MORTÁGUA

**09** ↙  
**A LISTA DE  
ESPERA**  
LUÍS FAZENDA

**11** ↙  
**O ASSISTENCIALISMO  
DO BCE**  
ANA CANSADO

**13** ↙  
**QUE SAÍDAS  
PARA A CRISE?**  
CARLOS SANTOS

**15** ↙  
**OBAMA**  
MOISÉS  
FERREIRA

**17** ↙  
**ÁGUA. NEGÓCIO  
OU DIREITO?**  
NÉLSON PERALTA

**19** ↙  
**LA VIE  
EN ROSE**  
JOANA MORTÁGUA

**22** ↙  
**O PONTO FRACO  
NA ESQUERDA**  
VÍCTOR FRANCO

**24** ↙  
**ESTÁ NA HORA  
DE DIZER BASTA**  
ALMERINDA BENTO

**27** ↙  
**VERDES, QUEER  
E PIRATAS.**  
BRUNO GOIS

**30** ↙  
**ELAS TRABALHAM  
MAIS 16h EM CASA**  
MANUELA TAVARES

**34** ↙  
**O DESPEDIMENTO  
COLECTIVO**  
FRANCISCO ALVES

**36** ↙  
**SIAMESES**  
FABIAN  
FIGUEIREDO

**38** ↙  
**BIRMÂNIA NO JOGO  
ENERGÉTICO**  
JOÃO MINEIRO

**41** ↙  
**CÓDIGO DE  
TRABALHO**  
RICARDO SALABERT

**44** ↙  
**EXÉRCITOS  
PRIVADOS**  
MÁRIO TOMÉ



# NO DÉCIMO ANO DO SÉCULO XXI

## No dia 21 de Dezembro a Comissão

Europeia publicou um relatório onde decretou o fim da crise. Na semana anterior a Áustria tinha nacionalizado o sexto maior banco do país, por estar falido e não conseguir enfrentar os compromissos imediatos que tinha e ainda, segundo o anúncio do governo austríaco, porque a sua falência poderia desencadear uma grave onda de choque que seria catastrófica nos países dos Balcãs, onde detém 10 a 30% do mercado. Muito mais significativo é que o principal accionista deste banco, com mais de 67% do capital, era o banco público bávaro BayernLB. Ou seja, a falência do banco austríaco afectaria grandemente o Estado alemão da Baviera e, como tal, o próprio Estado federal alemão. A crise perdura para além dos anúncios. E os seus efeitos sentem-se em primeiro lugar no desemprego, que continua a crescer brutalmente.

Quando entrámos no décimo ano do século XXI, as promessas da globalização continuam a chocar com a realidade, mostrando um mundo onde a crise é grande e prolongada, não só económica, mas também social e ambiental, e os poderes dominantes revelam uma profunda incapacidade para induzir qualquer transformação.

A primeira década do século XXI tem revelado um

mundo em crise, onde a esperança é esparsa e os sinais positivos de mudança continuam limitados e maioritariamente abafados. Os velhos impérios perdem peso e papel, mas o seu sistema e a sua dominância persistem. A injustiça social mantém-se e reproduz-se constantemente com a exploração e opressão, os males profundos do mundo agravam-se, mas o socialismo tem também uma enorme dificuldade em manifestar-se como alternativa política e social.

É neste quadro que a esquerda marxista, que procura agir na luta pelo socialismo, precisa de continuar a trabalhar em busca de compreender e responder, política e ideologicamente, a este tempo.

Neste número 21 de A Comuna, o primeiro de 2010, publicamos um artigo - Que fazer (com Lenine)? - que aborda as questões do Estado e do(s) partido(s) no socialismo. Os restantes artigos constituem uma súpula de artigos de diversos autores e autoras que fomos publicando nas edições semanais do site acomuna.net, ao longo de mais de um ano - a primeira edição foi a 10 de Outubro de 2008.

Ainda no primeiro trimestre de 2010 publicaremos um novo número da nossa revista sobre a mais recente evolução da globalização e dos poderes mundiais e sobre um ano de governação Obama ★ **Carlos Santos**

### Propriedade

União Democrática  
Popular-Associação  
Política  
Rua de São Bento, 698 -  
1250-223 Lisboa

### Correio electrónico

acomuna@sapo.pt  
Site [www.udp.pt](http://www.udp.pt)

Número de registo na  
ERC nº124204

### Director

Luís Fazenda

### Redacção

Alex Gomes,  
Ana Cansado,  
Bruno Góis,  
Carlos Santos,  
João Azevedo,  
Mário Tomé,  
Moisés Ferreira,  
Pedro Soares,  
Simone Matos,  
Victor Franco

### Design Gráfico

Rui Fazenda

### Periodicidade

Trimestral





# O QUE FAZER (COM LENINE)?

---

BRUNO GÓIS  
JOANA MORTÁGUA

## NÃO TERÁ SIDO O SISTEMA DE UM SÓ PARTIDO E DECORRENTE **FUSÃO DO PARTIDO COM O ESTADO O PRINCIPAL PROBLEMA DO DITO SOCIALISMO REAL?** NÃO TERÁ SIDO ESSE ASPECTO FORMAL O MAIOR ENTRAVE NO CAMINHO PARA A REALIZAÇÃO DA DEMOCRACIA E DA SOCIEDADE SEM CLASSES?

### No contexto da resposta a esta

importante questão, o filósofo materialista dialéctico esloveno Slavoj Zizek, fez a seguinte provocação:

“Onde, como, por quem são tomadas as principais decisões relativas aos assuntos globais? São tomadas no espaço público, através da participação envolvida da maioria? Se a resposta é sim, é de importância secundária se o Estado tem um sistema monopartidário. Se a resposta é não, é de importância secundária se temos uma democracia parlamentar e liberdade de escolha individual.”

### A Ditadura da Burguesia

Ao colocar a segunda hipótese, Zizek elabora uma crítica justa, sempre ignorada pelo oportunismo social-

democrata, ao carácter ilusório da democracia burguesa. A ideologia burguesa vende-nos a ideia da sociedade contemporânea como uma “sociedade de escolhas”, onde as múltiplas possibilidades oferecidas pelo progresso capitalista associadas à existência de uma democracia formal representam a máxima liberdade possível, o regime mais perfeito – o fim da História.

Os ‘gestores’ do Estado Capitalista não hesitam em colocar no centro do debate político temas como a protecção ambiental, a paridade, o casamento homossexual, a legalização do aborto ou a eutanásia, reduzindo estas importantes causas civilizacionais a meras escolhas entre a pepsi e a coca-cola. Cada uma destas causas é oportunisticamente jogada no xadrez político como simples peão facilmente sacrificável em nome de um só objectivo: impedir que o Capital seja

posto em xeque.

A Barbárie Capitalista tem de levar um xeque-mate em nome do futuro da Humanidade. A parada em jogo, ‘Socialismo ou Barbárie’, não pode ser vencida pelos caminhos da social-democracia. A retórica social-democrata da tendência para uma gradual conquista da democracia económica pela via da democracia formal foi desmentida pela História. O abandono do consenso do Estado-Providência e a investida da rapina neoliberal provaram que o Estado Burguês apenas procura prover as necessidades dos mais explorados quando a Burguesia amedrontada tem urgência em comprar a lealdade proletária (como foi o caso da Guerra Fria).

A democracia que dá voz a umas lutas apenas para calar outras e vampiriza os movimentos sociais é um obstáculo à participação política em verdadeira liberdade.

A DEMOCRACIA QUE DÁ VOZ A UMAS LUTAS APENAS PARA CALAR OUTRAS E VAMPIRIZA OS MOVIMENTOS SOCIAIS **É UM OBSTÁCULO À PARTICIPAÇÃO POLÍTICA EM VERDADEIRA LIBERDADE.** É A MESMA DEMOCRACIA QUE NO BARULHO PUBLICITÁRIO PROCLAMA ‘PODES MUDAR DE VIDA...’ E NO SILÊNCIO DITATORIAL REMATA ‘...MAS NÃO PODES MUDAR A VIDA’.

É a mesma democracia que no barulho publicitário proclama ‘podes mudar de vida...’ e no silêncio ditatorial remata ‘...mas não podes mudar a vida’.

### **A Ditadura contra o Proletariado**

Se, como vimos, a democracia formal não garante o envolvimento participativo da maioria nos assuntos sociais globais, então tal só é possível num Estado Socialista (cujo objectivo é a democracia real). Sobre esse Estado (o da primeira hipótese), Žižek lança-nos a provocação de ser secundária a questão do monopartidarismo. Não terá sido, contudo, o sistema de um só partido e decorrente fusão do Partido com o Estado o principal problema do dito Socialismo Real? Não terá sido esse aspecto formal o maior entrave no caminho para a realização da democracia e da sociedade

sem classes?

A História prova que o monopartidarismo, em vez de garante de uma unidade para o progresso revolucionário, foi a própria origem da contra-revolução. O domínio do aparelho de Estado pelo partido único gerou, a partir dos seus quadros, uma nova classe dominante, com interesses próprios e necessariamente diferentes dos da maioria proletária.

Isto foi verdade na África pós colonial, onde os partidos originariamente marxistas-leninistas, e que ainda hoje apoderam do discurso revolucionário, desenvolveram a partir dos seus quadros uma burguesia local, que apenas veio substituir a burguesia colonial na exploração da maioria proletária. Isto não é menos verdade na China dos nossos dias, e não foram os soviets que impediram que o mesmo se tivesse passado nas Republicas Socialistas.

O sistema dos soviets, como forma de democracia indirecta, revelou-se facilmente manobrável pelas cúpulas do poder e, não tendo cumprido a sua função de garante da revolução e da participação popular, tornou-se ele próprio um obstáculo ao aprofundamento da democracia socialista.

Estando falsificada a secundarização do problema do monopartidarismo, pelas razões mencionadas, poderemos nós concordar com a relativização da democracia representativa e das liberdades individuais?

### **Democracia Proletária**

Mesmo do ponto de vista meramente tático, seria um erro secundarizar as liberdades individuais e a democracia representativa. A participação através do sufrágio universal e as liberdades individuais

O SISTEMA DOS SOVIETES, COMO FORMA DE DEMOCRACIA INDIRECTA, REVELOU-SE **FACILMENTE MANOBRÁVEL PELAS CÚPULAS DO PODER.**  
 NÃO É O SISTEMA SOVIÉTICO DO MONOPARTIDARISMO DE SUFRÁGIO INDIRECTO QUE MELHOR GARANTE O INTERESSE DO **PROLETARIADO.**

proporcionadas pelo Estado Burguês não podem ser retiradas pelo Estado Socialista: isso não ‘apenas’ por este Estado dever ser a democracia mais avançada, mas também por tal retrocesso significar a perda da maioria social necessária ao regime.

O Bloco Capitalista soube aproveitar essa grave falha do Socialismo Real para vencer o Leste pela batalha ideológica: argumentando ser possível uma terceira via com o consenso social-democrata que vigorava na Europa Ocidental. Não podemos incorrer no mesmo erro...

Mais que qualquer argumento tático, importa-nos, como comunistas, saber integrar na teoria revolucionária as reivindicações históricas do proletariado. Por isso e porque a teoria marxista exige a prática, estivemos nos movimentos que reivindicaram a democracia e o sufrágio universal e secreto (como foi o caso da luta

contra as ditadura ibéricas), participámos nos movimentos contra o militarismo e o imperialismo, lutámos pelas reivindicações feministas, participámos e apoiámos os movimentos LGBT, fomos voz activa na defesa do aprofundamento da democracia participativa. Se como comunistas na oposição defendemos estas causas, como comunistas no poder não podemos trair as reivindicações populares.

Não é o sistema soviético do monopartidarismo de sufrágio indirecto que melhor garante o interesse do proletariado. O Estado Socialista, defensor dos interesses da classe dos explorados, terá de assumir a forma da democracia parlamentar. A divisão dos poderes, com o seu sistema dos ‘freios e contrapesos’, defende a maioria proletária da formação de uma nova burguesia a partir do aparelho do Estado Socialista.

O Estado Socialista, apoiado numa maioria social,

terá de admitir a pluralidade de opiniões e assumir-se como Estado de Direito Socialista; garantido, desta forma a liberdade de organização e participação política através dos partidos políticos e dos movimentos sociais.

A defesa desta Democracia Proletária é parte importante da resposta ao ‘Que fazer?’. A Constituição Socialista e a Liberdade popular serão os garantes das conquistas revolucionárias e o caminho para o Comunismo futuro. Quanto a Lenine, cumpre-nos, como continuadoras e continuadores do Socialismo Científico, superar a sua importante teoria, a bem da Revolução Proletária ★

Nota: Este artigo usa uma citação de Slavoj Zizek ("What Is To Be Done (With Lenin)?" in In These Times, [www.inthesetimes.com](http://www.inthesetimes.com), January 21, 2004) apenas como pretexto para a abordagem do contributo colectivo da União Democrática Popular para a Teoria Marxista do Estado.



ESPECIAL  
A COMUNA  
ONLINE

---

SÚMULA DE ARTIGOS ESCOLHIDOS  
DE DIVERSOS AUTORES E AUTORAS  
PUBLICADOS NAS EDIÇÕES SEMANAIS  
DO SITE **ACOMUNA.NET**, AO LONGO  
DE MAIS DE UM ANO

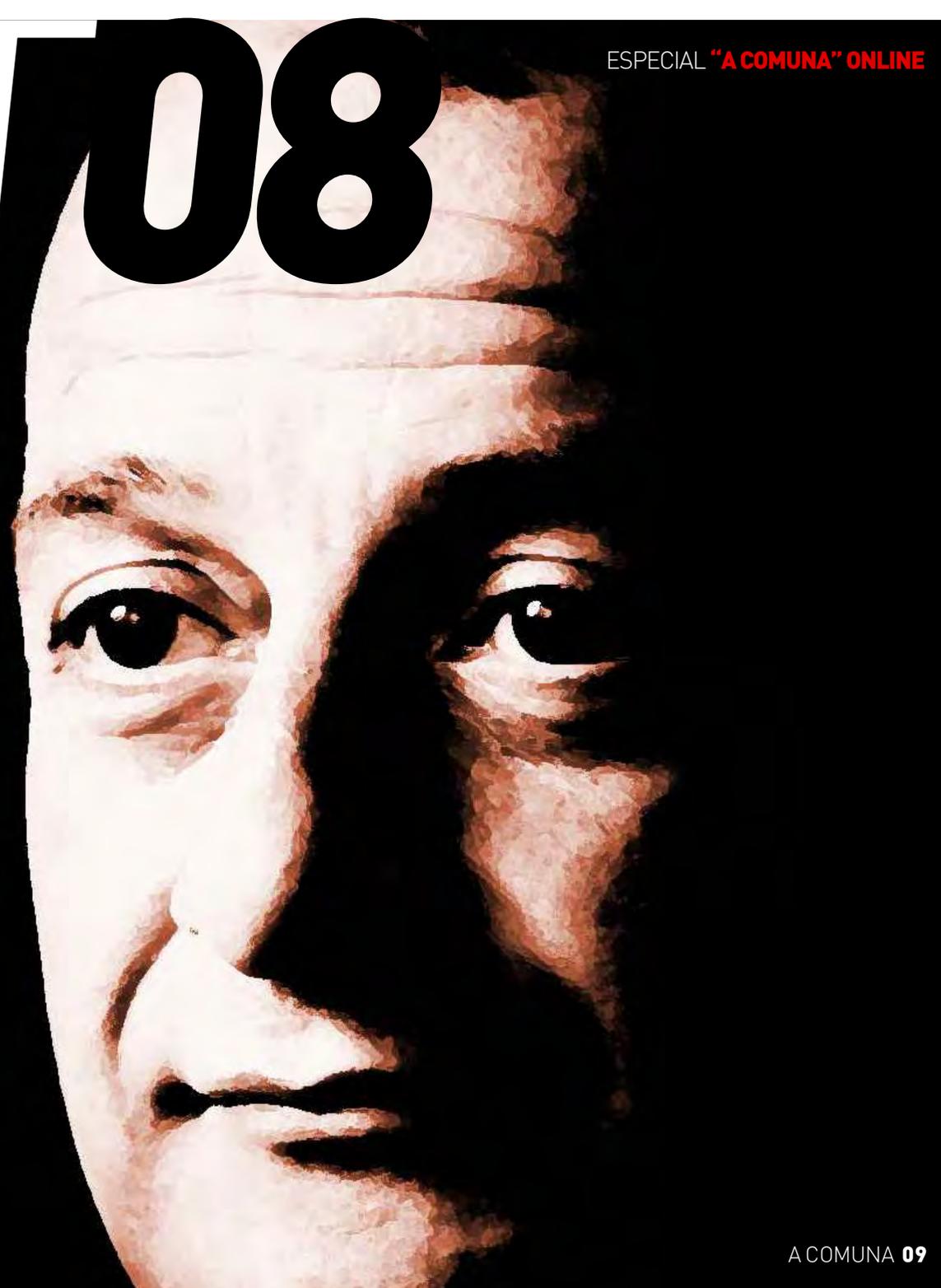
---

# 100 OUT 08

## A LISTA DE ESPERA

MÁRIO VIEGAS NAS ELEIÇÕES DE 95, NA CAMPANHA DA UDP, PROVÓCOU A POLÊMICA GERAL TRAZENDO A AGENDA DOS DIREITOS DOS HOMOSSEXUAIS À LUZ DO DIA. **ELE JÁ ENTÃO ACHAVA QUE OS HOMOSSEXUAIS NÃO DEVIAM ESTAR EM LISTA DE ESPERA.**

LUÍS FAZENDA



NOS PARTIDOS COMUNISTAS DOS ESTADOS CAPITALISTAS TAMBÉM SEMPRE PREPONDEROU A DISCRIMINAÇÃO, NO MÍNIMO UMA TOLERÂNCIA MAL DISFARÇADA PARA COM GAYS, E PIOR UM POUCO, COM LÉSBICAS. **ACHAVA-SE DESNECESSÁRIO ASSUMIR CONFLITOS COM AS VÁRIAS IGREJAS NO QUADRO GERAL DE LIBERTAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA.**

**O comunismo sempre se deu** mal com os direitos dos homossexuais. Tirando curtos períodos das alterações revolucionárias, os estados socialistas perseguiram e perseguem pessoas com orientação sexual não hetero. Os argumentos têm sido os mais absurdos: para não prejudicar o crescendo demográfico, quando foi caso disso, ou porque seria contra a dialética da natureza, ou por ser uma aberração decadente das classes vencidas.

Afinal, a homossexualidade não escolhe classe, não há nada mais materialista que a natureza e a dialética está longe, menos para os ignorantes, de ter uma lógica binária.

Nos partidos comunistas dos estados capitalistas também sempre preponderou a discriminação, no mínimo uma tolerância mal disfarçada para com

gays, e pior um pouco, com lésbicas. Achava-se desnecessário assumir conflitos com as várias igrejas no quadro geral de libertação da classe operária. Assumir todas essas pessoas como desviantes é um trágico serviço à unidade popular.

Sem isto a propósito do orgulho que sinto, também como comunista, em ter defendido no parlamento o casamento entre pessoas do mesmo sexo. De fazer parte de uma corrente política e ideológica que resgata os erros do socialismo passado. É a burguesia, contando com os seus agentes políticos e religiosos, que contraria a igualdade de direitos civis. Seguramente, o ataque ao capitalismo beneficia da pluralidade articulada das contradições sociais, e são muitas: a exploração do trabalho, a ofensa de género, a discriminação de seres humanos, o

obscurantismo cultural, a agressão ambiental, etc. A resistência e alternativa ao sistema vigente alimentam-se de todas as lutas e da incumbência de todos os direitos. Um partido político de vanguarda não é um vulgar sindicato com deputados, é antes a generalidade do movimento social com representação política. O que já não parece muito vanguardista é esperar que a maioria das pessoas seja favorável à igualdade de direitos civis para os homossexuais e só depois avançar com a proposta, a clivagem e a luta... Coisas da Soeiro...

Recordo Mário Viegas nas eleições de 95, na campanha da UDP, provocou a polémica geral trazendo a agenda dos direitos dos homossexuais à luz do dia. Ele já então achava que os homossexuais não deviam estar em lista de espera...★

# 180UT08

ESPECIAL "A COMUNA" ONLINE

## O ASSISTENCIALISMO DO BANCO CENTRAL EUROPEU

ANA CANSADO



## A INDEPENDÊNCIA DO BCE EXISTE RELATIVAMENTE À VONTADE DOS POVOS DA EUROPA E ÀS SUAS ASPIRAÇÕES, **MAS FACE AOS MERCADOS NÃO**

**No contexto da actual crise** financeira, os bancos centrais injectaram capital com vista a reduzir as tensões nos mercados financeiros. Os muitos milhões cedidos, tanto pelo Banco Central Europeu (BCE) como por outros bancos centrais mundiais, procuram dar confiança aos mercados financeiros que têm vivido dias de forte turbulência.

Numa altura em que os europeus estão preocupados com a falta de emprego, com a perda de poder de compra para fazer face à subida dos preços dos produtos alimentares e dos combustíveis, em que muitas pessoas não conseguem pagar os empréstimos que contraíram para a aquisição de casa esta opção levanta uma questão sobre o papel do BCE, nomeadamente no que se refere à sua independência.

Os Tratados europeus e os próprios estatutos

do BCE exigem a sua independência total do poder político como se isso fosse condição para o sucesso da sua missão e integridade de funcionamento. Ora o que podemos constatar é que a independência do BCE existe relativamente à vontade dos povos da Europa e às suas aspirações, mas face aos mercados não. Ao primeiro sinal de agitação e redução de lucros nos mercados financeiros o BCE apressa-se a agir no sentido de salvaguardar os interesses dos capitais.

A nota comum nos discursos de Jean-Claude Trichet (Presidente do BCE), de Vítor Constâncio (Presidente do Banco de Portugal) e dos outros Presidentes dos Bancos Centrais é que em nome da estabilidade e do crescimento das economias uma das medidas fundamentais é a contenção salarial e a redução de direitos sociais. Ora a prova

de que estão errados é que a diminuição dos rendimentos não só corrói as vidas das pessoas como prejudica o desenvolvimento da economia.

A liberdade dos mercados financeiros, em geral, e o assistencialismo dos bancos centrais a esses mercados, em particular, são uma ofensa aos trabalhadores que em nome de metas impostas pela Europa têm vindo a ver diminuídas as suas legítimas expectativas de melhores condições de vida.

É preciso acabar com a pseudo independência do BCE e de todos os bancos centrais e exigir o controlo político destas instituições em nome da democracia e da transparência para que as instituições europeias não ajam contra os cidadãos europeus, que na actual situação não participam sequer na elaboração dos projectos que determinam o caminho da União ★

# 25 OUT 08



ESPECIAL "A COMUNA" ONLINE

## QUE SAÍDAS PARA A CRISE?

CARLOS SANTOS

## O ESTRANGULAMENTO DA CAPACIDADE ECONÓMICA DOS TRABALHADORES É A VERDADEIRA ORIGEM DA CRISE... AS SAÍDAS NÃO SÃO NEUTRAS.

### A crise estalou inicialmente

nos Estados Unidos porque milhões de famílias não conseguiram pagar as prestações mensais do crédito à habitação com que se tinham comprometido. Foram os mais pobres que detinham esse crédito que não conseguiram pagar.

Com a globalização capitalista e o predomínio da finança na época actual, a falta de pagamento dos créditos à habitação transformou-se numa crise financeira norte-americana, depois mundial, com repercussões grandes na economia real, que só o futuro mostrará até onde irão.

Para as elites dominantes, a culpa foi dos pobres que não tiveram juízo e se endividaram mais do que deviam. Para os poderosos a culpa está sempre na população inculta, imoderada e gastadora. A realidade é porém outra, o capital ou se expande ou morre, o objectivo da taxa de lucro impõe que o capital frutifique e para que isso aconteça alguém tem de comprar as mercadorias.

Ora, segundo o recente relatório da OIT ("Relatório sobre o trabalho no mundo: desigualdade de rendimento na era da globalização financeira", 2008) parte dos salários diminuiu nas duas últimas décadas em dois terços dos países do mundo, incluindo nos Estados Unidos. Neste país, os salários têm mesmo estagnado. A única alternativa dos trabalhadores e das suas famílias a essa estagnação foi o crescente endividamento.

Os mercados financeiros transformaram essas dívidas em negócio e durante anos os lucros foram fabulosos; quando as famílias endividadas não conseguiram pagar a crise estalou em cascata, atingindo a maioria dos bancos e empresas financeiras. Agora o risco é empresas fecharem, o desemprego alastrar, a crise aprofundar-se.

O que os governos fizeram até hoje foi tentar evitar mais falências, ir em socorro dos bancos para proteger o negócio. A pequena Islândia fica como exemplo paradigmático do poder explosivo da finança. Mas

muito pouco têm feito para evitar que a crise se repercuta brutalmente na vida das pessoas.

Ora a crise veio trazer de novo à luz do dia a contradição dominante na sociedade capitalista: a contradição entre o trabalho e o capital, entre o produto cada vez mais social e a apropriação cada vez mais privada.

O estrangulamento da capacidade económica dos trabalhadores é a verdadeira origem da crise. Soluções mais rápidas para ela e para impedir a sua repercussão na vida das pessoas exigem que o Estado não pague os produtos financeiros tóxicos, mas invista na sociedade. Investimento nos serviços públicos, maior protecção dos trabalhadores, aumentos salariais, mais subsídios aos desempregados, é essa a saída mais rápida para a crise e a menos dolorosa para a sociedade. Se o Estado se endividar para dar dinheiro aos bancos e assegurar as altas taxas de juro então a crise será mais prolongada e as repercussões sociais mais brutais. As saídas não são neutras ★

# 28 NOV 08

ESPECIAL "A COMUNA" ONLINE

## OBAMA

ESTA CRISE VEM QUESTIONAR A MÍTICA IDEIA DE QUE **A GLOBALIZAÇÃO CAPITALISTA, TAL COMO A CONHECEMOS DESDE OS ANOS 80, ERA INEVITÁVEL QUE FOSSE LIBERAL E DESREGULADA** PORQUE DECORRIA

---

MOISÉS FERREIRA



## O LÍDER DO IMPÉRIO PODERIA MESMO SER **UM ANTI-CLÍMAX PARA O BELICISMO?**

**A vitória de Obama será uma** bofetada do simbolismo sobre a realpolitik ou o simbolismo como uma espécie de abat-jour sobre o programa político do próximo Presidente dos EUA, centro do Império?

Existiram vozes embargadas e declarações iluminadas pelo simbolismo mas poucas interpretações analíticas sobre as propostas de governação para o país-sede do Império mundial. Saramago arrematou com a palavra Revolução; Soares atirou-lhe com o epíteto de Esquerda... Embalados certamente pela mensagem da mudança, da força mobilizadora do positivismo do yes we can e pelo desejo reprimido da conjugação yes we can make a change!

Conseguirão? Ou o discurso da mudança é apenas um slogan com início e fim em si mesmo, sem conteúdo ou progresso ulterior a si? Desconfio da mudança quando o seu prossecutor não se atreve a fazer a descolagem do seu antecessor. Quando se mantém e continua a moldagem da consciência colectiva em torno do securitismo, da política do medo e da iminência da ameaça externa terrorista. É o discurso do 11 de Setembro, do militarismo, do pânico, da histeria, da perseguição,

da legitimação da ofensiva bélica imperialista da apropriação económica de novos mercados, bens e capitais.

“Mas Obama é contra a Guerra!; Ele vai retirar do Iraque!” Será? Talvez abandone Bagdade, mas e Cabul? Islamabad? Teerão?

O seu discurso enquanto Senador, a 1 de Agosto de 2007 (01.08.07) não deixa zonas cinzentas: a ordem é retirar do Iraque para concentrar no Afeganistão, no Paquistão, no Irão. É esta a táctica, e o discurso que o acompanha: “Nós não terminámos o trabalho contra a al Qaeda. Nós não desenvolvemos novas capacidades para derrotar um novo inimigo, nem lançamos estratégias para secar a base de suporte dos terroristas. Nós não reafirmámos os nossos valores, segurança ou pátria”.<sup>1)</sup>

Sobre a Guerra, Obama critica Bush... Diz que este último falhou na invasão ao Iraque, e isso tornou o povo norte-americano ainda mais vulnerável à ameaça terrorista. A essência e chantagem no discurso é a mesma, pautado apenas com variações geo-estratégicas. Para Obama, os alvos são o Afeganistão, o Paquistão e o Irão. De resto, tudo igual: o controlo pelo medo, a ameaça terrorista, o militarismo e a expansão imperialista

com chuteira de guerra.

O líder do Império poderia mesmo ser um anti-clímax para o belicismo? Não é este mesmo belicismo a frente do Império para a expansão? Uma expansão não territorial, de conquista de fronteiras com nacionalismo primário, mas uma expansão de mercado, de financeirização e mercantilização, de testa de ferro para com as empresas e burguesia financeira. Neste capítulo, aquilo que vislumbramos é a continuidade da política expansionista com objectivo de acumulação; mais... com objectivo de concentração de capital. O capital é um corpo necessitado de expansão, de mais capital, e isso força e salta as fronteiras. A opressão dos povos pela guerra e a conquista de novos mercados de expansão capitalista tem uma mão visível: a guerra. Para a legitimar é apenas preciso moldar a consciência colectiva; a política do medo e da histeria fóbica para com o terrorismo é luva perfeita. Porquê alterá-la agora?★

1) Tradução livre de um trecho do discurso de Obama a 01 de Agosto de 2007, em que diz “We did not finish the job against al Qaeda in Afghanistan. We did not develop new capabilities to defeat a new enemy, or launch a comprehensive strategy to dry up the terrorists’ base of support. We did not reaffirm our basic values, or secure our homeland”

# 03 JAN 09

ESPECIAL "A COMUNA" ONLINE

## ÁGUA: UM NEGÓCIO OU UM DIREITO?

ESTA CRISE VEM QUESTIONAR A MÍTICA IDEIA DE QUE **A GLOBALIZAÇÃO CAPITALISTA, TAL COMO A CONHECEMOS DESDE OS ANOS 80, ERA INEVITÁVEL QUE FOSSE LIBERAL E DESREGULADA** PORQUE DECORRIA

—◆◆◆—  
**NELSON PERALTA**



## AS AUTARQUIAS (...) DEMONSTRAM-SE ÁVIDAS DE PASSAR O CONTROLO DA ÁGUA DA ESFERA DA DEMOCRACIA PARA A ESFERA DO MERCADO, ESVAZIANDO-SE DE COMPETÊNCIAS E DE SENTIDO. PRETENDEM CRIAR MAIS UM NEGÓCIO.

**As autarquias-limitadas e** justificando-se com as escolhas económicas que fizeram no passado e que ditaram o empobrecimento colectivo e o endividamento municipal - avançam com mais uma política económica no mesmo sentido: a concessão da rede de abastecimento público de água. Trata-se de um negócio altamente desejado pelo capital, isento de risco e com o investimento (a rede) já realizado. concessão deste negócio é já de si injusta, ilegítima e injustificada uma vez que a água existe em quantidade limitada – constituindo um monopólio natural – e a sua posse fará com que todos os cidadãos paguem esses direitos de apropriação por um recurso natural que não é produzido nem reproduzível e que na sua essência é um bem público. A privatização da água responde ao derradeiro preceito ideológico neoliberal de que o cidadão não tem qualquer direito, mas sim necessidades

que são suprimidas na esfera do mercado.

Um dos argumentos mais repetidos é a da supremacia da gestão privada sobre a pública. Contudo, este mito desfez-se com o actual colapso da economia de casino. Mas esta é já de si uma falsa questão: a diferença entre estas gestões é a sua natureza e os seus objectivos antagónicos. A depleção de água é já bastante notada, como o exemplo de Barcelona (abastecida neste Verão por navios) nos demonstra. Contudo as autarquias pretendem que a gestão da água seja feita na lógica do lucro e não da preservação do recurso e do serviço público.

A privatização da água em Portugal está a dar os primeiros passos, sendo que em vários locais é precisamente o inverso que se passa face a ter-se relevado um mau negócio para as autarquias e os municípios. Em Paris a concessão não será renovada

ao passo que nos Estados Unidos, devido ao aumento exponencial do custo da água e ao mau serviço prestado, tem surgido vários movimentos de cidadãos pela renacionalização da água, alguns já vitoriosos. É aliás o insuspeito The Wall Street Journal que nos traz estes relatos. Esta opção demonstra assim uma robustez de pensamento a toda a prova e imune à realidade.

Ainda assim, as nossas autarquias demonstram uma cegueira reveladora, não necessitando de confrontar as suas escolhas com a realidade. Demonstram-se ávidas de passar o controlo da água da esfera da democracia para a esfera do mercado, esvaziando-se de competências e de sentido. Pretendem criar mais um negócio rentista que sugará os rendimentos da população apenas para suprimir uma das suas necessidades mais básicas. Já vimos este filme, e não gostamos ★

# 25 MAI 09

ESPECIAL "A COMUNA" ONLINE

LA VIE EN

ROSE

JOANA  
MORTÁGUA

## MAS, AFINAL, QUEM É QUE NOS METEU NA CRISE? E PORQUE É QUE NÃO NOS TIRA DELA? OS GOVERNOS SOCIAIS-DEMOCRATAS QUE ESTIVERAM À FRENTE DA EUROPA NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DEVEM-NOS UMA RESPOSTA.

**Nenhum acontecimento** na vida de um sistema assume formas mais estrondosas do que uma crise. Dependendo da sua profundidade e da capacidade dos elementos que operam a resistência ao próprio sistema, uma crise pode erguer-se como uma força transformadora profunda, alterando os equilíbrios entre os actores e a natureza das suas relações.

Ao ser posta em causa a arquitectura de todo o sistema, os seus gestores sabem que a readaptação da estrutura é a única forma de manter um nível mínimo de estabilidade que permita que os mecanismos que operam a integração dos elementos marginalizados continuem a funcionar, impedindo que o número de marginalizados seja superior ao que o próprio sistema considera aceitável para a sua sobrevivência.

É com este simples esquema de análise política sistémica que os líderes europeus se deparam nos últimos tempos. Apesar de tentarem empurrar as responsabilidades da catástrofe para os ombros de uns quantos gestores financeiros imprudentes e gananciosos, eles sabem tão bem como nós quem deveria prestar contas perante os incontáveis despedimentos que elevam aos píncaros as taxas de desemprego nos países europeus, eles sabem perfeitamente a quem devem pedir explicações todos aqueles a quem a crise empurrou para a extrema pobreza. Sabem, mas negam-se a fazê-lo. E quando o vírus atinge o sistema, preferem fazer reset e continuar como se não fosse nada com eles.

Mas, afinal, quem é que nos meteu na crise? E porque é que não nos tira dela? Os governos sociais-democratas que estiveram à frente da Europa nas

últimas décadas devem-nos uma resposta. Mais ou menos inclinados na retórica, mais ou menos mascarados de pretensos socialistas, os sociais liberais por terceiras ou outras vias trataram cristalizar nos tratados aquilo que nunca tiveram legitimidade para decidir, o caminho neoliberal da Europa. Os PSD's e os PS's europeus deparam-se desde cedo com a oposição inconciliável entre a Europa dos Povos e a Europa do Capital, e fizeram a sua escolha. o poder, o governo socialista português nunca desiludiu a imagem de bom aluno destas políticas liberais e contribuiu para a construção e difusão de um discurso que culpa um suposto mercado de trabalho pouco flexível pelo fraco crescimento económico europeu e aponta o desmantelamento do Estado Social, o fim dos serviços públicos, as privatizações e a precariedade como solução para

## NÃO NOS DEIXEMOS ENGANAR, PERANTE A NECESSIDADE DE FORMATAR O SISTEMA, OS SOCIALISTAS EUROPEUS LIMITAM-SE A FAZER RESET. **A CRISE MOSTRA-NOS COMO NÃO EXISTE ALTERNATIVA EM LA VIE EN ROSE.**

todos os males de que padece a Europa do capital.

Gozando da cumplicidade dos grandes de Bidelberg, Sócrates ditou o Código Bagão II, asfixiou as Universidades Públicas, atacou o Serviço Nacional de Saúde e percorreu o país para inaugurar call centres e celebrar a precariedade. Perante a indignação popular, ele respondeu com arrogância e autoritarismo.

No entanto, e a despeito de todas as responsabilidades que lhes podem ser imputadas na crise social em que a Europa mergulha, o Partido Socialista Europeu pretende apresentar-se às próximas eleições como a alternativa necessária de esquerda. No esforço de evitar uma reestruturação profunda do sistema, os seus gestores liberais pretendem reformar o discurso e adoptar uma roupagem de esquerda que nos faça esquecer a quem devemos exigir explicações.

Desmascarar este transvestismo político descarado é também a missão da esquerda anti-capitalista europeia. É nossa obrigação lembrar todos os dias que quem nos meteu na crise não nos tira dela. É nossa obrigação mostrar como o PS que na oposição clama por mais emprego e mais Estado social é o mesmo PS que, no poder, aplica as políticas liberais da precariedade e das privatizações.

A vida prova os nossos argumentos. Numa entrevista concedida a Mário Soares há poucas semanas, a recém-eleita líder do Partido Socialista Francês Martine Aubry discursava eloquentemente sobre a necessidade de respostas socialistas actuais. Aubry falou da crise, das suas consequências, e não se absteve de maldizer a cartilha neoliberal e as sagradas escrituras do sistema financeiro mundial. Falou sobretudo dos efeitos desastrosos que as políticas de Sarkozy têm provocado em França, do

aumento do desemprego, da precariedade e dos baixos salários que estrangulam os trabalhadores. E continuava, dizendo que o governo de Sarkozy se limitou a engordar os privilégios dos ricos mas foi incapaz de fazer um investimento sério nos sectores essenciais, que nunca conseguiu ter uma visão estratégica para o desenvolvimento do país. Já no final da entrevista, confrontada com a necessidade de comentar a política do seu homólogo português, Aubry teceu longos elogios ao orçamento de Sócrates para a educação e à sua brilhante noção de estratégia nacional que aposta onde realmente faz falta.

Que bonito que é um PS na oposição! Não nos deixemos enganar, perante a necessidade de formatar o sistema, os socialistas europeus limitam-se a fazer reset. A crise mostra-nos como não existe alternativa em la vie en rose ★

# 08 JUN 09

ESPECIAL "A COMUNA" ONLINE

## O PONTO FRACO DA ESQUERDA NESTAS ELEIÇÕES

VICTOR FRANCO



## FAZ MAIS SENTIDO O DESENVOLVIMENTO DE PLATAFORMAS POLÍTICAS E SOCIAIS, DE ACÇÃO E MOVIMENTO POLÍTICO POR CAUSAS **MAS TAMBÉM DE CONSTRUÇÃO POLÍTICA ALTERNATIVA AO ELEITORADO NO MAIOR NÚMERO DE PAÍSES DA EUROPA.**

### **O Bloco de Esquerda atingiu**

o seu maior resultado de sempre, mas não um resultado qualquer, um resultado de forte valor político até porque alcança o lugar de 3º maior partido português. Este notório resultado é consequência, em primeiro lugar, do acerto da linha política, do centro tático na defesa dos serviços públicos, da importância da luta pelos direitos do trabalho e no posicionamento pela paz.

O resultado é tanto mais notório quanto o facto do BE não dispor de milhares de activistas fazendo “correia de transmissão partidária” em movimentos sociais. Tão pouco a luta social tem sido uma constante, na verdade, vai saltando em picos maiores ou menores de descontentamento.

Esse descontentamento alargou, as massas estão chateadas mas não têm forças para vir para a rua

responder com mobilização popular às consequências que a crise lhes provoca.

Se isto é por cá, na Europa não será muito diferente. Mas então porque é que em vez de crescer a esquerda, em particular a mais combativa, cresceu a direita e a extrema-direita? Porque é que na França se desenrolam lutas extraordinárias mas depois vencem as forças de direita?

Algumas pistas já são lançadas no artigo de António Andrioli. Por agora, a preocupação destas notas centra-se na perspectiva da criação dessa alternativa europeia de esquerda.

Um dos objectivos estratégicos da nossa táctica é partir a social-democracia. Isso aconteceu essencialmente em França e na Alemanha e permitiu novas alternativas mais à esquerda – mas ficou essencialmente por aí.

Outro dos objectivos é conseguir alianças sociais entre partidos, movimentos e activistas de esquerda que se posicionem em ruptura com o neoliberalismo.

Juntar forças, em Portugal como na Europa, é uma linha coerente. Por isso, cada vez faz mais sentido o desenvolvimento de plataformas políticas e sociais, de acção e movimento político por causas mas também de construção política alternativa ao eleitorado no maior número de países da Europa.

Esse é o grande ponto fraco que estas eleições puseram ainda mais a nu. E esse é um problema muito, muito, sério – até porque será cada vez mais difícil obter crescimentos políticos sustentados (em Portugal) na situação de “farol do socialismo” da Europa.

Esse é o grande ponto fraco que o activismo político precisa de tentar superar. Se vai fazendo o seu caminho por cá, falta fazê-lo na Europa ★

# 20 JUN 08

"A COMUNA" ONLINE



## ESTÁ NA HORA DE DIZER BASTA

AO NÍVEL DA **ESCOLA PÚBLICA**, O PS  
NESTES QUATRO ANOS DE GOVERNO DE  
MAIORIA ABSOLUTA MAIS NÃO FEZ QUE  
**APLICAR MUITAS DAS POLÍTICAS NEO-  
LIBERAIS QUE ANTERIORMENTE O PSD  
NÃO OUSARA APLICAR.**

---

**ALMERINDA BENTO**

O PS DIZ QUE O PSD REPRESENTA UM MODELO NEOLIBERAL. POIS É! **E ENTÃO O PS O QUE É?** AO NÍVEL DA ESCOLA PÚBLICA, O PS NESTES QUATRO ANOS DE GOVERNO DE MAIORIA ABSOLUTA MAIS NÃO FEZ QUE APLICAR MUITAS DAS POLÍTICAS NEO-LIBERAIS QUE ANTERIORMENTE **O PSD NÃO OUSARA APLICAR.**

### **Na manhã a seguir à reunião**

da comissão política do PS, as notícias da rádio, enquanto se toma o pequeno-almoço antes de rumar a mais um dia de aulas, falam de coisas extraordinárias: Sócrates disse aos jornalistas que “ia fazer um esforço para ser mais humilde” e que o PS tinha de ser mais humilde! Logo a seguir e porque estamos em maré de exames, o “inefável” Walter Lemos vaticina que os exames iriam decorrer com normalidade, aliás como tinha decorrido todo o ano, um ano normal com “uns” protestos de professores!

No dia seguinte, no parlamento, Sócrates voltou a esquecer-se do seu compromisso de humildade do dia anterior (já é normal) mas à noite na entrevista televisiva lá voltou a dizer que se havia

seguido um caminho de mudanças na escola demasiado exigente e complexo, mas que se tinham depois adoptado medidas de simplificação que teriam permitido uma “avaliação” positiva da governação, nomeadamente nas escolas.

Nas escolas, dirigido aos Presidentes dos Conselhos Executivos que entretanto já não existem e foram substituídos pelos Directores (no meio ou final do 3º período!) a ministra da educação envia-lhes uma carta a acompanhar uma publicação de 62 páginas, intitulada “2005-2009 Mais e Melhor Serviço de Educação, A a Z da Educação”. Do melhor! Diversos exemplares distribuídos nas escolas de todo o país, naturalmente, porque a campanha de propaganda é timbre deste

governo e deste Ministério da Educação. Como escreve a ministra, a publicação é para agradecer e partilhar porque é preciso sistematizar a “elevação da qualidade do ensino”, a “valorização da escola pública”, a “escola mais eficiente, mais próxima das famílias e dotada de novas regras de gestão” “também graças ao empenhamento e participação de professores, pais, encarregados de educação e pessoal não docente...” A publicação é de Março, o número de exemplares é omissis, e começando pela carta da ministra e acabando na dita publicação, a linguagem é completamente sexista (para o ministério da educação só há alunos e professores) em total discrepância com as belas intenções de cuidar logo na escola e no seu

POREMOS COM UM EXPRESSIVO VOTO NAS  
ESQUERDAS, AS SUAS POLÍTICAS ARROGANTES,  
ECONOMICISTAS, INCONSEQUENTES, ANTI-  
DEMOCRÁTICAS” **NO CAIXOTE DE LIXO DA HISTÓRIA.**

ministério, naturalmente, de alterar através da linguagem os estereótipos de género que continuam a ignorar a realidade de uma sociedade feita de mulheres e homens, professoras e professores, alunos e alunas!

Mas voltando ao que aqui me trouxe, ouço Sócrates, Lurdes Rodrigues, Walter Lemos e digo que é preciso muita petulância e falta de vergonha para dizer isto e depois viver as escolas no antes e no depois desta legislatura, nomeadamente do ponto de vista das relações humanas, da democracia, do ambiente que lá se vive. As pessoas não têm tempo para respirar, não têm tempo para si, não têm tempo! Como os portugueses e portuguesas não são estúpidos/as, sabem distinguir no meio da

vozearia, da propaganda, da manipulação e deram um verdadeiro cartão vermelho ao PS nas últimas eleições europeias, votando em quem tomou claras posições de luta pela manutenção e melhoria dos serviços públicos e contra o desemprego e precariedade. É minha convicção profunda que os tais protestos de professores que Walter Lemos referiu em passant e que a ministra simplesmente ignorou, foram o sinal inequívoco dos resultados que as urnas mostraram a 7 de Junho!

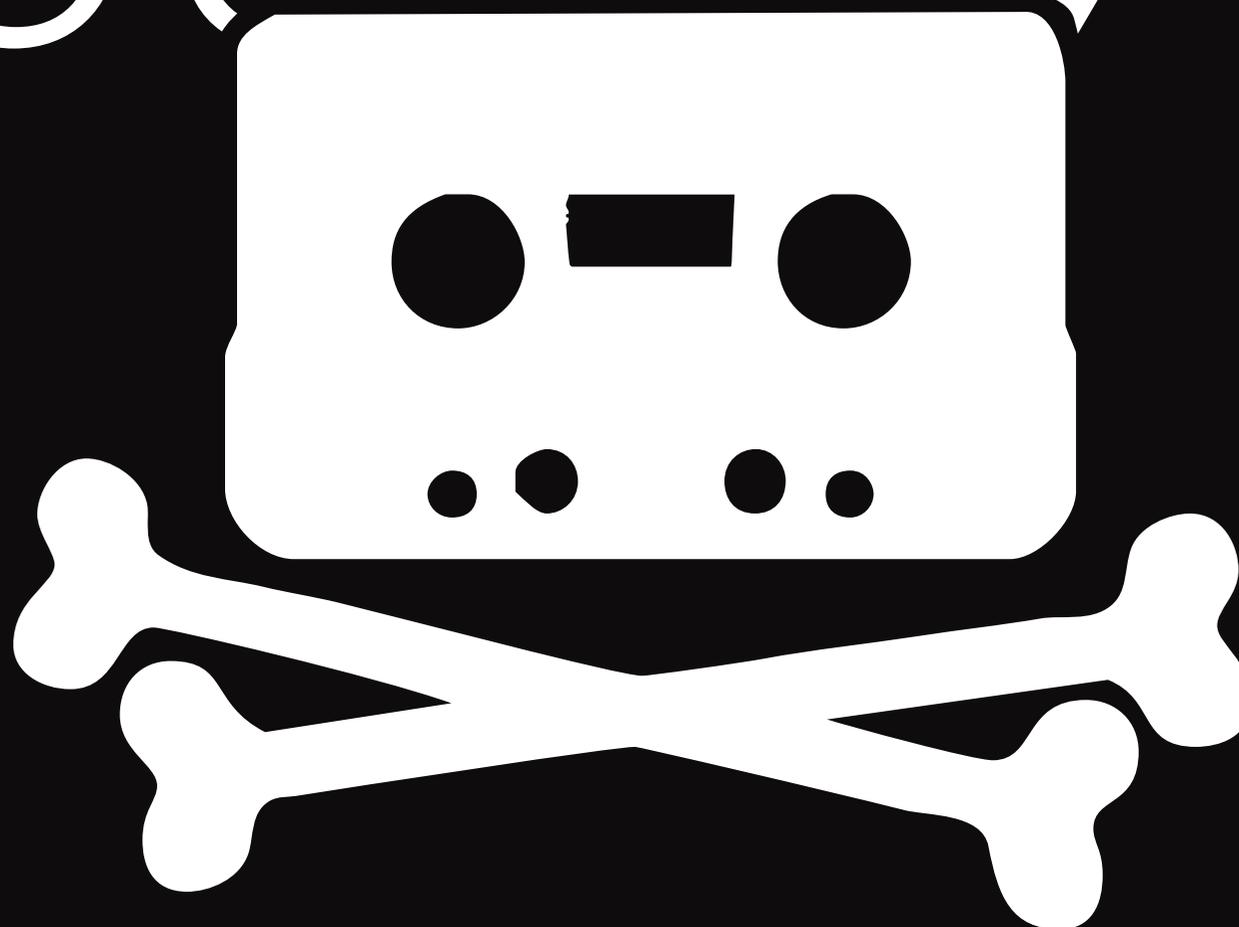
Os três meses que aí vêm vão ser fartos em jogos de palavras. O PS diz que o PSD representa um modelo neoliberal. Pois é! E então o PS o que é? Ao nível da escola pública, o PS nestes quatro anos de governo de maioria

absoluta mais não fez que aplicar muitas das políticas neo-liberais que anteriormente o PSD não ousara aplicar, não só em consequência da resistência e luta do professorado, mas também porque não tinha o “conforto” de reinar sozinho em maioria absoluta!

No dia das europeias, Maria de Lurdes Rodrigues afastava encrespada os/as jornalistas com um seco “deixem passar!” “deixem passar!” Deixaremos sim e poremos com um expressivo voto nas esquerdas, as suas políticas arrogantes, economicistas, inconsequentes, anti-democráticas” no caixote de lixo da história. O futuro da escola pública, o futuro deste país não podem ser hipotecados com estas políticas nem com estes políticos neo-liberais!★

# 21 JUNO 09

ESPECIAL "A COMUNA" ONLINE



**VERDES, QUEER E PIRATAS  
SÃO FIGURAS DE (MUITO) ESTILO**

NOTA BREVE SOBRE MOVIMENTOS SOCIAIS E PARTIDOS

BRUNO GÓIS

PARA OS GRANDES PARTIDOS DO SISTEMA, É ATÉ INTERESSANTE TER (...) PARTIDOS FEMINISTAS, QUEER, ECOLOGISTAS, PIRATAS... DESDE QUE ESTES NÃO COLOQUEM O SISTEMA EM CAUSA, DESDE QUE **ESTEJAM DISPONÍVEIS PARA TROCAR A SATISFAÇÃO PARCIAL DAS SUAS REIVINDICAÇÕES PELO APOIO À GOVERNABILIDADE.**

**“O Partido Pirata não tem** tem opinião definida sobre nada que não sejam as liberdades na Internet; quanto ao resto, votará com os outros partidos». Os responsáveis do Piratpartiet repetem que não terão qualquer dificuldade em aplicar esta regra, porque a clivagem direita-esquerda perdeu toda a pertinência." (1)

1. O não reconhecimento da clivagem entre esquerda e direita é justamente a revelação do pecado original desta elevação do movimento social a partido. Um partido que seja meramente “o braço do movimento social na política” [diferente de braço político] é claramente insuficiente. A SUA simples defesa de causas particulares não articuladas com uma visão de conjunto [própria da política]

é profundamente perigosa. O sonho dos grandes partidos do sistema (PS e PSD, no caso português) era poder comprar pequenos partidos de causas pela satisfação (parcial) das suas reivindicações particulares.

1.1. Para os grandes partidos do sistema, é até interessante ter no cenário político partidos feministas, queer, ecologistas, piratas... desde que estes não coloquem o sistema em causa, desde que estejam disponíveis para trocar a satisfação parcial das suas reivindicações pelo apoio à governabilidade. “Eu dou-lhe a lei do casamento homossexual (sem adopção) na compra da minha política reformista de privatização dos serviços públicos e apoio pontual a intervenções militares em diversos destinos...

Vejo que hesita, ...mas olhe que a adopção é negociável”... Pois é! Há negócios que não se fazem! Nem a diversidade do amor, nem a paz são moeda de troca!

1.2. As causas justas não se vendem nem se compram! Devemos ter a coragem de as defender em lutas unitárias. A participação em lutas unitárias por diversas causas (desde a paz à livre difusão do conhecimento) é um imperativo a que a Esquerda deve responder positivamente. Exemplo dessa capacidade unitária foi a participação Bloco de Esquerda na defesa da despenalização do Aborto. Essa luta concreta foi feita ao lado de muitas daquelas e muitos daqueles que são e serão nossos adversários em diversos ou, mesmo, em todos os outros campos

## O QUE DEFINE VERDADEIRAMENTE A ESQUERDA É A CAPACIDADE DE ELEVAR CADA REIVINDICAÇÃO PARTICULAR **A METÁFORA ACTIVA DA REIVINDICAÇÃO DA LIBERDADE UNIVERSAL.**

da luta social e política. O esforço unitário é um tributo devido à dignidade da causa defendida.

2. Por muito que se possa concordar (totalmente ou em parte) com o movimento pirata, enquanto movimento social, quando este se eleva a Partido e foge à "clivagem direita-esquerda": ficamos a saber que politicamente representa um centro liberal (apenas) esteticamente excêntrico. Como qualquer matiz liberal, está tingido de causas particulares sem questionar o TODO do Capitalismo. Isto não significa que as suas reivindicações não tenham potencialidades transformadoras e, em certa medida, anti-sistémicas. O seu carácter anti-sistémico advém do agudizar das contradições internas do Capitalismo. Daí que não seja de

estranhar que o líder do Partido Pirata Richard Falking diga, a um tempo, «defende[r] até uma forma de comunismo digital, em que cada um contribui segundo as suas capacidades e o produto é distribuído segundo as necessidades» e, a outro, assumir-se como um ultracapitalista, nestes termos:

«Os conservadores não defendem o capitalismo puro [; ...] são uma espécie de cagarolas sociais-liberais. (...) Eu defino-me como ultracapitalista, e foi a partir desse posicionamento que me envolvi politicamente. (...) A batalha joga-se agora na questão dos direitos dos cidadãos, que é a questão fundamental. Mais importante do que o sistema de saúde, a educação, o nuclear, a defesa e essa merda toda que andamos a debater há quarenta anos.» 1)

3. Além do dever de luta unitária na defesa de cada causa concreta e porque não se pode ser livre numa sociedade alienada: o que define verdadeiramente a Esquerda é a capacidade de elevar cada reivindicação particular a metáfora activa da reivindicação da Liberdade Universal.

A informação e a arte são de tod@s!

O Planeta é de tod@s!

Somos tod@s queer!

Somos tod@s imigrantes! ★

1) <http://pt.mondediplo.com/spip.php?article502>

# 29 JUN 09

ESPECIAL "A COMUNA" ONLINE

## “ELAS TRABALHAM MAIS 16 HORAS EM CASA DO QUE ELES”

**AS MULHERES IMIGRANTES PARA SOBREVIVEREM TÊM DE TER DOIS E TRÊS EMPREGOS, MAL PAGOS E SEM DIREITOS, PARA ALÉM DE GASTAREM HORAS E HORAS EM TRANSPORTES PARA AS PERIFERIAS ONDE VIVEM E ACUMULAREM EM CASA O MESMO TIPO DE TRABALHO QUE DURANTE O DIA ANDARAM A FAZER NAS CASAS DE OUTRAS MULHERES.**

---

**MANUELA TAVARES**

## ACONTECE QUE A REALIDADE DAS MULHERES IMIGRANTES É AINDA IGNORADA PELAS ESTATÍSTICAS E PELA ANÁLISE QUE É FEITA DA SITUAÇÃO DAS MULHERES EM GERAL.

**No Público de 19 de Junho,** uma pequena notícia dava conta de uma realidade há muito conhecida – as mulheres trabalham semanalmente mais 16 horas em tarefas de apoio à família do que os homens. O estudo noticiado não tem nada de novo, a não ser pecar, decerto, por defeito. Trata-se de uma média e, como tal, oculta situações de mulheres de sectores sociais mais desfavorecidos, em especial de mulheres imigrantes. Para sobreviverem, estas têm de ter dois e três empregos, mal pagos e sem direitos, para além de gastarem horas e horas em transportes para as periferias onde vivem e acumularem em casa o mesmo tipo de trabalho que durante o dia andaram a fazer nas casas de outras mulheres.

Acontece que a realidade das mulheres imigrantes é ainda ignorada pelas estatísticas e pela análise que

é feita da situação das mulheres em geral.

Quando nos anos setenta, o “feminismo negro”, ganhou força e acusou o feminismo ocidental de ser um “feminismo branco”, que não tinha em consideração os problemas das mulheres negras, esta crítica continha em si as actuais questões, que se prendem com as dificuldades dos feminismos abordarem e integrarem os direitos das mulheres imigrantes. Pode não se tratar de uma prática de exclusão, mas de uma “falta de atenção” para com as mulheres que, vindas de outros países, têm problemas que não são tidos em conta no discurso feminista. É significativo que, em Paris, as jovens das comunidades imigrantes tenham sentido necessidade de se constituir como um grupo autónomo. (COLLIN, 2005:187). “Ni putes, ni soumises” foi o título do manifesto, que juntou na “Marcha das mulheres dos

bairros pela igualdade e contra o gueto” cerca de 30 mil pessoas, nas ruas de Paris a 8 de Março de 2003. As jovens envolvidas na preparação da Marcha insurgiram-se contra as agressões masculinas de que eram vítimas, culminando em muitas situações em violações colectivas ou até na morte, como aconteceu com uma jovem de 18 anos, em Outubro de 2002 (1).

Do manifesto anteriormente referido pode ler-se: “Somos mulheres dos bairros e decidimos deixar de calar as injustiças que vivemos. Recusamos que em nome de uma «tradição» ou de uma «religião» se silencie a violência que estamos condenadas a suportar e a sofrer. (...) Denunciamos o sexismo omnipresente, a violência verbal e física, a sexualidade proibida, a violação na sua versão moderna de violações colectivas, o casamento forçado, a factura

“SOMOS MULHERES DOS BAIRROS E DECIDIMOS DEIXAR DE CALAR AS INJUSTIÇAS QUE VIVEMOS. **RECUSAMOS QUE EM NOME DE UMA «TRADIÇÃO» OU DE UMA «RELIGIÃO» SE SILENCIE A VIOLÊNCIA QUE ESTAMOS CONDENADAS A SUPORTAR E A SOFRER. (...)**”

de guardiãs da honra da família e dos bairros encarcerados. Denunciamos tudo isto para deixar de ceder à lógica do gueto, que nos encerra na violência sem que nada se faça contra ela” (2).

Um outro documento denominado “Proclamação nacional das mulheres dos bairros lamenta que o “movimento feminista tenha desertado dos bairros”. E acrescenta: “Para nós, a luta contra o racismo e a exclusão e a luta pela nossa liberdade e emancipação são um único e mesmo combate (AMARA, 2004:151-152).

Em Portugal, a crescente feminização da imigração (3) não tem conduzido à formação de associações específicas de mulheres imigrantes e os seus problemas continuam muito invisíveis, apesar de algumas mulheres se terem destacado como dirigentes de associações de defesa dos direitos dos imigrantes,

como é o caso da SOLIM.

A tendência é para aumentar o número de mulheres imigrantes em Portugal e em outros países europeus, pois “as mulheres são as principais vítimas da pobreza a nível mundial” (4). O número de mulheres que imigram sozinhas tem vindo a crescer em Portugal.

Esta é também a tendência a nível mundial. Segundo o Relatório de 2006 do Fundo das Nações Unidas para a População (5), as mulheres constituem quase metade (49,6%) dos 191 milhões de migrantes. São 95 milhões de mulheres espalhadas pelo mundo com falta de direitos, vítimas de escravidão ou de tráfico. As profissões assumidas são sobretudo “femininas”: os trabalhos domésticos e de limpeza, o cuidado com crianças, doentes ou idosos. “Muitas são exploradas, mantidas em cativeiro, maltratadas física e psicologicamente. (...) Como trabalham em casa,

acabam por ficar isoladas, muitas não aprendem a língua, os patrões apreendem-lhes os passaportes, ou estão ilegais” (6).

Em Portugal, no que respeita à inserção laboral e profissional das mulheres imigrantes, e tendo em consideração os três grandes grupos de imigrantes com origem nos PALOP (7), no Brasil e na Europa do Leste, verifica-se que as mulheres africanas ocupam profissões pouco qualificadas de empregadas de limpeza em casas particulares e escritórios (8), sendo que este tipo de emprego também é muito ocupado pelos outros sectores de mulheres imigrantes. Contudo, as mulheres da Europa de Leste também têm peso como operárias e artífices, assim como trabalhadoras de restauração e alojamento. Em relação às brasileiras, para além dos sectores profissionais anteriormente apontados, destaca-se o de vendedoras

## SUJEITAS A REDES DE TRÁFICO, AS VIDAS DE MUITAS DELAS SÃO DE UMA ENORME AMARGURA. **A REALIDADE VIVIDA PELAS MULHERES IMIGRANTES NÃO PODE SER IGNORADA** POR QUEM TEM RESPONSABILIDADES POLÍTICAS NA TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

e demonstradoras. Destes três grupos de imigração aquele onde existe maior desadequação entre o tipo de emprego e a qualificação académica é o das mulheres da Europa de Leste e também no caso das brasileiras em relação a algumas profissões. No geral, as imigrantes ocupam os sectores mais desqualificados e mal pagos, com horários de trabalho muito longos (9). Conseguir um contrato de trabalho para renovar a Autorização de Permanência (AP) é também um dos grandes problemas com que estas mulheres se defrontam, devido à enorme precariedade do seu trabalho.

Segundo a socióloga Karin Wall as mulheres imigrantes “estão mais sujeitas a pressões e agressões, assédios, ameaças, chantagens por parte dos empregadores. Aliás vivem muitas vezes com uma família, em casa da qual cuidam de um idoso

dependente. A sua rede de contactos e de apoio é muito limitada. Se estiverem ilegais, ainda pior” (10).

Nos últimos anos, muitas mulheres da Europa de Leste começaram a imigrar sozinhas para Portugal deixando as suas famílias nos países de origem. Muitas delas têm altas qualificações académicas e passaram a trabalhar como empregadas de restaurantes ou empregadas domésticas. Sujeitas a redes de tráfico, as vidas de muitas delas são de uma enorme amargura.

A realidade vivida pelas mulheres imigrantes não pode ser ignorada por quem tem responsabilidades políticas na transformação da sociedade ★

1. Sohane foi queimada viva num sótão do bairro de Vitry-sur-Seine (Cité Balzac) a 4 de Outubro de 2002.

2. “Manifesto das mulheres dos bairros: «nem putas nem submissas», in AMARA, Fadela (2004), Ni putas, ni sumisas, Madrid, Ediciones Cátedra, pp. 151-152.

3. Segundo dados do SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras), 45% dos 446.178 imigrantes que residem legalmente em Portugal são mulheres; esta percentagem tem vindo a subir de 41,5% em 1995, para 44% em 2001 e 45,36 % em 2005. Note-se que nestes dados não se incluem as imigrantes com autorização de permanência, por não existirem estatísticas desdobradas por sexo. O SEF tem dois tipos de caracterização de estrangeiros: os que possuem autorização de residência (AR) e os que possuem autorização de permanência (AP).

4. SERTÓRIO, Elsa, PEREIRA, Filipa S. (2004), Mulheres Imigrantes, Lisboa, Ela por Ela, p. 77.

5. Relatório das Nações Unidas sobre a Situação da População Mundial, 2006: “Passagem para a Esperança: Mulheres e Migrações Internacionais”.

6. WONG, Bárbara, “Relatório da ONU sobre a população no mundo: mulheres migrantes são principais vítimas de tráfico e exploração”, in Público de 7 de Setembro de 2006, p. 2.

7. Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

8. 49,5% das mulheres dos PALOP são “trabalhadoras não qualificadas dos serviços e comércio”; 31,7% das mulheres do Leste Europeu pertencem também a esta qualificação profissional, o mesmo acontecendo com 20,9% das brasileiras. (Dados do INE, 2001)

9. GONÇALVES, Marisa, FIGUEIRO Alexandre (2005), “Mulheres imigrantes em Portugal e mercado de trabalho: diferentes percursos, inserções laborais semelhantes”, in Imigração e Etnicidade: vivências e trajetórias das mulheres em Portugal, Lisboa, SOS Racismo, pp. 63-83.

10. Entrevista realizada pela jornalista Andreia Sanches a Karin Wall, publicada no Público de 2 de Novembro de 2005, p. 23

# 13 JUL 09

ESPECIAL "A COMUNA" ONLINE



## A VIOLÊNCIA DO DESPEDIMENTO COLECTIVO

FRANCISCO ALVES  
DIRIGENTE SINDICAL



## ...DE UMA FORMA OU DOÛTRA, SOMOS TODOS PRECÁRIOS

### **Parto da minha experiência**

enquanto sindicalista, para denunciar a violência de ir para o desemprego, na forma particular do Despedimento Colectivo, que mais fácil ainda se tornou com o actual Código do Trabalho/Vieira da Silva.

Fui chamado a intervir directamente enquanto "perito" em 8 Processos negociais de intenção de despedimento colectivo, desde Setembro/2008 até hoje. Entrepósito de Lisboa; Bortex; Siemens & Efácec; Barloworld Stet; Barloworld Serviços; Euronadel; Renault Chelas e novamente Entrepósito Lisboa que inicialmente envolveram 344 Trabalhadores e dos quais 333 foram efectivamente despedidos. "Salvaram-se" somente 11 trabalhadores.

É só uma pequena amostra do que no mundo laboral se passa e acontece a milhares de trabalhadores com vinculo efectivo. E leva a concluir que, de uma

forma ou doutra, somos todos precários.

A acrescentar a esta insegurança permanente, verificámos a "limpeza" que o patronato aproveita para fazer às estruturas representativas dos trabalhadores.

Só nos casos mencionados foram postos na rua 15 delegados sindicais e membros de Comissões de Trabalhadores.

É preciso pôr cobro a esta manobra patronal!

De referir que à excepção de uma pequena e média empresa, as restantes pertencem a grandes grupos económicos nacionais ou a multinacionais. Pelo que o problema não é dinheiro, pois no Grupo Barloworld os trabalhadores despedidos receberam na compensação a que tiveram direito uma verba de comparticipação dos lucros.

Quero ainda salientar o «papel de embrulho» que o Ministério do Trabalho/Governo tem nestes

processos, onde nada faz!

Esta realidade contraria em absoluto as "dificuldades em despedir" que o Patronato e os Governos que os ouvem, tanto apregoam.

Tudo isto vem a propósito da urgência que há em dar resposta a este gravíssimo problema do desemprego, que afecta já mais de 600 mil trabalhadores e respectivas famílias em Portugal.

É a isto que o Programa Eleitoral do Bloco de Esquerda para as legislativas de 27 Setembro próximo dá corpo e prioridade.

No meu entender responde também de forma cabal às "Exigências dos Trabalhadores aos Partidos", que a CGTP apresentou publicamente no passado dia 2 de Julho.

É com Políticas Socialistas que nos apresentamos e que queremos aplicar, para deste modo responder à crise e dar a volta a isto! ★

# 02 AGO 09

ESPECIAL "A COMUNA" ONLINE

## NA VERDADE SÃO QUASE SIAMESES

FABIAN FIGUEIREDO



## DIZ O SR. OBAMA «A CHINA E OS EUA MOLDARÃO O SÉCULO 21»

**Na semana transacta acabou a** primeira ronda de conversações entre os Estados Unidos da América e a República Popular da China; pelo que parece de polémica nada teve, mas há neste momento espaço e vontade para polémica?

Se se fosse a analisar o jargão e o folclore político que ambos os regimes produziram uma mera aproximação ocular poderia constituir um cenário de iminente perigo. Mas o que temos hoje na verdade?

Por um lado temos um Sr. Obama (muito badalado nas direitas e também nas esquerdas mundiais) e uma Sra. Hillary que se dizem admiradores dos movimentos cívicos e incondicionais defensores das liberdades

democráticas, mas pelos vistos não tiveram nem tempo nem espaço, nem um simples segundo, para abordarem a repressão violenta sobre os Uigures ou genocídio cultural do Tibete durante as várias sessões diplomáticas.

Do outro lado temos um regime que conjuga o que qualquer capitalista do século XIX já ambicionava, um regime totalitário, repressivo, corrupto e com economia de mercado sem direitos liberdades e garantias, que de uma forma ou outra ainda mete uma foice aqui e um martelo ali, cita Marx nas teses do congresso e justifica toda a exploração de classe e demais assimetrias sociais em nome do nacional-desenvolvimentismo.

Apesar de serem duas realidades diferentes, as divergências não chocam e as convergências

acentuam-se. Os EUA estão demasiado fragilizados para formarem sozinhos o governo do império e a China sabe-o, portanto não faz mais que reivindicar o seu lugar sem perturbar o actual imperador.

É por isso mesmo que não se pode estranhar que quando dois regimes aparentemente tão discrepantes, surgem de mãos dadas depois de dias de reunião. Estão a preparar o governo do mundo ou como diz o Sr. Obama «A China e os EUA moldarão o século 21».

Desenganem-se, agora, aqueles que pensavam que Obama iria virar as costas aos doces chamamentos da Realpolitik.

"Somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o que fazemos para mudar o que somos." - Eduardo Galeano ★

# 29 AGO 09

ESPECIAL "A COMUNA" ONLINE

## A BIRMÂNIA NO JOGO ENERGÉTICO

JOÃO MINEIRO



## NUNCA HOUVE OLIGARQUIAS DEMOCRÁTICAS, **MAS JÁ HOUVE** **(E CONTINUAM A HAVER)** DEMOCRACIAS OLIGÁRQUICAS

**A oligarquia é adversa à democracia** embora nem sempre a democracia seja adversa à oligarquia... Isto porque nunca houve oligarquias democráticas, mas já houve (e continuam a haver) democracias oligárquicas. Assim a Birmânia foi crescendo e se formando naquilo que hoje é...

Passando de uma democracia independente na metade do século (1948), foi modelada por uma apropriação oligárquica do sistema, que colidiu com o golpe de estado do general Ne Win em 1962. Isto porque a democracia em sentido puro é incorruptível e quando a democracia se deixa minar ao ponto de ser derrubada ou é porque é uma democracia corrupta ou porque se começou a transformar numa democracia oligárquica.

Foi assim que, em nome de um qualquer “socialismo birmanês” foi nacionalizada toda a economia, mas para as mãos de quem? Do povo?

Dos trabalhadores? De quem nada mais tem que a sua força de trabalho? Não (...) seguindo os lobbies oligárquicos que lhe deram origem a economia birmanesa ficou, após o golpe de estado, nas mãos da casta militar: o país foi isolado (até se acabaram com os passaportes...); foi lançada uma brutal ofensiva xenófoba que expulsou do país Indianos e Paquistaneses principalmente; intensificou-se a caça às minorias étnicas; contudo após várias revoltas a ditadura de Ne Win afundou-se com os tumultos de 1988, após o massacre de 3 mil pessoas. De certo modo restabeleceu-se a esperança...

A junta militar que sucedeu fez eleições em 1990 e a Liga Nacional para a Democracia de Suu Kyi obteve quatro quintos dos votos. Ironia das ironias, na selvajaria “oligárquico-democrática” birmanesa as eleições foram anuladas. Suu Kyi foi presa e restabelecida a ditadura, esta sob o comando de Than

Shwe que blindando o regime Birmanês continua nos dias hoje a praticar verdadeiras chacinas que passam ao lado (mais uma vez...) das grandes potências.

Na verdade, por vezes é questionável para que se celebrou uma declaração Universal (para todos) dos direitos do Homem quando esta é brutalmente desrespeitada por quase todos, principalmente as grandes potências – EUA, UE, Rússia, China, etc -, foi provavelmente para cumprir formalismos... Assim como não percebo como é que se tolera que a ONU seja um instrumento político dos grandes do Mundo, que quando têm interesses económicos a impedem de actuar. Exemplo disso é a recente prisão de Suu Kyi que além de ser um brutal ataque à liberdade da mesma e um incompreensível e condenável ataque dos generais Birmaneses, evidência uma total hipocrisia política e moral de países como os Estados

## PORQUE É QUE CHINA, RÚSSIA, TAILÂNDIA, ÍNDIA, SINGAPURA (ETC.), SE COLOCAM NESTA POSIÇÃO? **A QUESTÃO ENERGÉTICA É A QUESTÃO CENTRAL PORQUE NINGUÉM CONDENA A BIRMÂNIA E OS SEUS ATAQUES À LIBERDADE E À DEMOCRACIA.**

Unidos, a Rússia e a China (com a óbvia colaboração da UE).

Na verdade Pequim e Moscovo são os principais responsáveis pois foram estes que vetaram as sanções ao país. Mas não pensemos que os outros são inocentes... Porque é que Clinton e Obama não estabeleceram a Birmânia como uma prioridade na Ásia? Se virmos bem, dos países asiáticos só as Filipinas e a Indonésia é que não optaram pela “não ingerência” sobre esta questão, sendo que a China protagonizou o discurso mais ofensivo que aliás vai de encontro à ditadura horrorosa que por lá mora: “A comunidade internacional deve respeitar totalmente a soberania da justiça Birmanesa”, frase simples mas que diz tudo de um país que acha que quando há violações brutais de direitos humanos num país isso deve passar impune, porque se deve respeitar a soberania dos países. Só se deve respeitar a soberania dos países quando estes

aplicam três valores base de qualquer sociedade: a democracia, a liberdade e o respeito pelo homem. Já do Ocidente existem diferenças discretas entre quem quer sanções pesadas e os que não querem (mas dizem condenar por razões morais).

Mas importa perceber o que está por detrás da questão, porque é que China, Rússia, Tailândia, Índia, Singapura (etc.), se colocam nesta posição? A questão energética é a questão central porque ninguém condena a Birmânia e os seus ataques à liberdade e à democracia. E sobre a questão energética existem pontos-chave: todos estes países utilizam portos birmaneses; foram encontradas novas jazidas de petróleo e gás; está a ser construído um oleoduto e um gasoduto entre a Birmânia e a China de 2800 quilómetros; a Tailândia é o primeiro cliente de gás da Birmânia; a Índia não quer dar à China o monopólio energético sobre a vizinha Birmânia (daí

ter mudado radicalmente a sua posição em relação a Suu Kyi); a Rússia ir vender centrais nucleares à Birmânia...

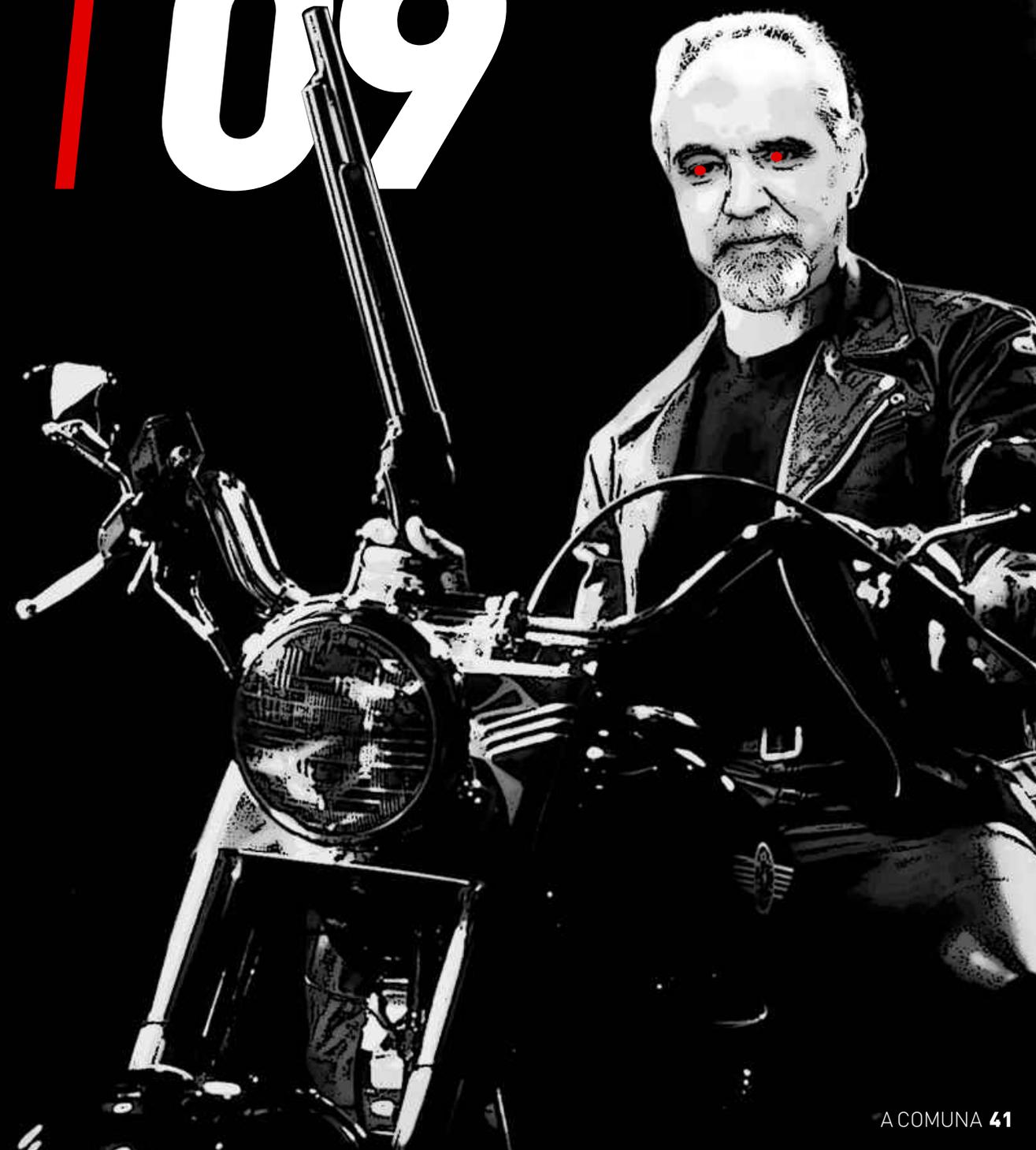
Enfim, neste tabuleiro político em que os interesses energéticos e económicos se sobrepõe ao respeito pela liberdade, pelo homem, pela democracia, estão sentados todos os países que nos vendem discursos pacifistas e democráticos... Os mesmos que não vacilam vetar sanções na ONU – Birmânia -, os meus que não vacilam vetar na ONU intervenções em catástrofes humanitárias – Darfur -, os mesmos que se orgulham de participar na guerra do petróleo – Iraque / Afeganistão -, os mesmos que se regozijam na presença de xenófobos neo-fascistas – Itália -, enfim, os mesmos que apoiados pelo silêncio e pela cumplicidade dos outros são os verdadeiros criminosos do Mundo, que se vendem tudo e todos, em troca de petróleo, de dinheiro e de poder ★

# 13 SET 09

## A RIGIDEZ DO CÓDIGO DE TRABALHO

SÓ PODEMOS DEFENDER A RECUPERAÇÃO DOS DIREITOS CEIFADOS POR **VIEIRA DA SILVA E BAGÃO FÉLIX**, A APLICAÇÃO INTEGRAL DA LEGISLAÇÃO LABORAL E O AUMENTO DA FISCALIZAÇÃO. NUNCA MENOS QUE ISTO!

— — — — —  
**RICARDO SALABET**



## A NOSSA LEGISLAÇÃO É RÍGIDA, POR **NÃO CONCEBER QUE ALGUÉM SEJA DESPEDIDO SEM MOTIVO, OU POR MOTIVOS EXTRÍNSECOS À ACTIVIDADE REALIZADA.**

**À medida que a campanha eleitoral** se aproxima, vamos ouvindo os argumentos da direita sobre o rumo a tomar no apoio aos empresários, partindo do pressuposto que tal garante o aumento da empregabilidade. Na imprensa somam-se as análises à legislação laboral, afirmando que a nossa (ainda) é a mais rígida da Europa.

Interessante a retórica das correntes conservadoras e dos grupos económicos, que ignoram o mais de 1 milhão de precárias e precários, constantemente ameaçados pela rigidez de um modelo económico que lhes impõe o estágio não remunerado, o trabalho a recibo verde, a subcontratação, o trabalho temporário sob a ameaça da crise e da falta de melhores ofertas.

O estágio, enquanto formação prática de quem concluiu a sua aprendizagem teórica e que possibilita

uma maior integração no mercado de trabalho; não remunerado, pois não se entende o conceito de potencial. A vantagem de uma mente fresca, recheada com todos os conceitos recentes e uma vontade voraz de aplicar toda a teoria.

O recibo verde, recentemente reconhecido como uma brutalidade atroz sobre os e as trabalhadoras e que premeia quem o utiliza como recurso à contratação com uma coima de 5% do valor pago pelo trabalho prestado. Um prémio de 18% sobre a prestação à Segurança Social, caso houvesse sido efectuado um real contrato de trabalho.

A subcontratação e o trabalho temporário, que geralmente se cruzam e que permitem, por exemplo, num centro de atendimento ao cliente, vertente cada vez mais eficaz no contacto directo das empresas com as e os clientes, que alguém

efectue um função a título temporário, por um período até 3 anos.

Neste contexto, percebe-se como são despedidos 200 temporários de um call-centre da Clix, porque uma empresa perdeu o contrato para outra. São 200 pessoas que são remetidas para o Subsídio de Desemprego ou Subsídio Social de Desemprego, ou que não terão quaisquer apoios.

Neste contexto, percebe-se que se despeçam pessoas para proteger margens de lucro, como recentemente aconteceu com a Ara Shoes Portuguesa, despedindo 200 pessoas, alegando a perda de lucros de cerca de 430 mil euros, cifrando-se (o lucro) em 863 mil euros. Tal já havia acontecido na corticeira Amorim, ceifando o rendimento a mais 200 pessoas.

A nossa legislação é rígida, por não conceber

## A ARA SHOES PORTUGUESA DESPEDIU 200 PESSOAS, ALEGANDO A PERDA DE LUCROS DE CERCA DE 430 MIL EUROS, **CIFRANDO-SE (O LUCRO) EM 863 MIL EUROS**

que alguém seja despedido sem motivo, ou por motivos extrínsecos à actividade realizada. É rígida, por prever que a parte mais frágil da relação laboral seja compensada pela quebra do compromisso contratado.

Sobram-lhe, no entanto, lacunas no que respeita à caracterização do que é um período temporário; do que é uma necessidade permanente do contratante e dos contextos em que pode ser considerada a não-renovação de um contrato de trabalho.

Aqui, a Juventude Popular, timidamente, em surdina, propõe a progressão rumo ao fim do Salário Mínimo, apregoando a auto-regulação e as resultantes respostas a todos os problemas de empregabilidade; a Juventude Social-Democrata defende a liberalização das relações laborais, pois

assumem que só assim as empresas poderão cumprir a Lei; a Juventude Socialista, essa segue as pisadas do “partido dos grandes” e ora se opõe aos Códigos que precarizam o trabalho, ora se bate na defesa da precariedade e flexibilização (sem segurança), conforme a cor do Governo.

Esta é uma questão em que temos de assumir uma postura radical, no sentido em que temos de ir à essência do problema. A regulamentação deve ser exigente, sempre que há, à partida, uma desigualdade entre os intervenientes de uma relação.

Se a economia recupera, com o aumento do poder de compra, só podemos defender a recuperação dos direitos ceifados por Bagão Félix e Vieira da Silva, a aplicação integral da legislação laboral e o aumento da fiscalização. Nunca menos que isto! ★

# 21 NOV 09

ESPECIAL "A COMUNA" ONLINE



**EXÉCITOS PRIVADOS:  
SOLUÇÃO MODERNA  
PARA AS AGRURAS  
DA GUERRA**

MÁRIO TOMÉ

## ET PLURIBUS UNUM (COMO ATÉ O BENFICA SABE) ... É UMA LEGENDA FUNDACIONAL DOS EUA MAS NÃO DA SOCIEDADE NORTE-AMERICANA

**“Os suicídios no Exército Americano** vão atingir um novo máximo. Este ano já morreram 140 soldados no activo, suspeitando-se de suicídio, a que se somam outros 71 que não estavam no activo. Em 2008, registaram-se 140 suicídios entre militares no activo, o número mais alto de sempre no Exército”.

Segundo esta notícia no «Público» parece que a tropa do Império anda incomodada. Os soldados em geral porque se suicidam. Os generais porque temem a repercussão que tal possa ter na opinião pública, já de si confrontada com duas guerras brutais e desgastantes e com o síndrome do Vietname, ou seja a derrota sem apelo nem agravo ao fim de vários anos de mortos, feridos e vítimas de stress post traumático.

Por outro lado a Administração norte americana é já famosa pelo desleixo ou desprezo institucional com que trata os militares que tiveram o azar de sobreviver a ferimentos graves e ficaram deficientes. O problema

do serviço de saúde agora no centro da política de Obama, mostra como a «ideologia da nação americana» é avessa à solidariedade social.

Et pluribus unum (como até o Benfica sabe) ou seja que cada um existe distinguindo-se mas como parte do todo é uma legenda fundacional dos EUA mas não da sociedade norte-americana que entretanto se desenvolveu, em que cada um se diferencia contra os outros.

Os vitimados das guerras ficam mais coisa menos coisa entregues a si próprios. Diga-se em abono da verdade que cá por Portugal se passa mais ou menos o mesmo.

Portanto o ambiente não é nada favorável à saúde dos militares.

No entanto há que notar que o pessoal que vai combater nas guerras do Império é voluntário – alista-se para ter um emprego, para ganhar dinheiro, para

poder fazer um curso. Mercenários ao serviço do Estado. É só seguir o excelente filme de Robert Redford, «Peões em Jogo».

Matar ou morrer, é um risco que antes de lá se estar se aceita com um certo à vontade. Mas que depois se torna uma autêntica provação, excepto para os que são viciados na adrenalina, veja-se o também excelente filme «Estado de Guerra», de Kathryn Bigelow. Os que não são viciados em adrenalina tornam-se viciados em heroína e cocaína. Ou então no massacre e na violação - “se a gente os pode matar e torturar porque não podemos violá-los?!” Outro belo filme sobre a questão - «Censurado» de Brian de Palma.

Deixou então de haver o sentido glorioso do dever pátrio? Deixou. Isso é conversa para conservadores reaccionários e proto-atrasados mentais.

Desde tempos imemoriais que a guerra é um

## A I GUERRA MUNDIAL, A PRIMEIRA GUERRA IMPERIALISTA, LEVOU PARA O AÇOUGUE MILHÕES DE SOLDADOS QUE NAS VÉSPERAS SE MANIFESTAVAM NAS RUAS DA EUROPA CONTRA ESSA GUERRA ANUNCIADA.

assunto privado que impõe a matança às populações. Guerra de senhores, guerra de reis, guerra de burgueses. E as nações foram a criação mítica - tão mítica que chegaram a ser divididas a régua e esquadro como entidades políticas autónomas, independentemente daquilo que de facto unia e estruturava as sociedades, a língua, a cultura, os hábitos e costumes, - que permitiu arrebanhar e arregimentar milhões para defender e atacar interesses que lhes eram totalmente estranhos mas que em nome da Nação eram obrigados a assumir.

Depois da revolução francesa o recrutamento obrigatório tornou-se um símbolo da glória da revolução, a cidadania assumida em toda a sua plenitude. Mas isso só durou até que Napoleão perdeu totalmente o sentido da revolução e, portanto, o sentido da estratégia.

Durante a Comuna de Paris, em 1871, quando o

Estado prussiano e o Estado francês que faziam morrer aos milhares os soldados de ambos os lados, pararam a guerra e se aliaram para permitir o esmagamento da Comuna, ficou finalmente claro que o real inimigo de ambos era o proletariado e que derrotando o proletariado francês se derrotava também o proletariado alemão.

A I Guerra Mundial, a primeira guerra imperialista, levou para o açougue milhões de soldados que nas vésperas se manifestavam nas ruas da Europa contra essa guerra anunciada. Nunca a Europa esteve tão unida e com o seu povo tão estreitamente solidário para além de todas as fronteiras. No entanto isso não chegou. Só a revolução poderia ter evitado a mobilização em massa da juventude europeia para se matarem uns aos outros num desastre apocalíptico. Foram matar e morrer, uma vez mais em defesa de interesses que não eram os seus, não eram da sociedade,

nem sequer da sua Nação. Eram interesses privados, materializados num Estado que os representava.

A II Guerra Mundial revestiu-se de características diferentes porque opôs os imperialismos modernos à maior monstruosidade que a sociedade humana enfrentou: o nazismo e o fascismo. Isso alterou completamente o seu carácter e legitimou em nome da defesa da liberdade o confronto maior da história da humanidade.

### **A globalização e a guerra actual**

Chegou então a globalização que veio dar cabo do mito do Estado-nação, como cristalização dos interesses gerais dos países e da necessidade do confronto entre eles para defesa dos interesses dominantes.

Hoje, os interesses privados impostos às sociedades em torno do mito nacional, já não se defendem com

## OS MERCENÁRIOS ESTIMULADOS PELOS ESTADOS NA PRIVATIZAÇÃO DO QUE SERIA A ÚLTIMA INSTÂNCIA DO ESTADO BURGUEÊS, A DEFESA, PODERÃO SUBSTITUIR-SE A ESTES NOMEADAMENTE **NA DEFINIÇÃO DOS TEATROS DE GUERRA**

a guerra entre potências embora estas ainda imponham alguns confrontos nacionais como forma de disputa por interposta pessoa.

Já não há literalmente «interesses nacionais a defender». A finança tomou conta do mundo real através do mundo virtual das transacções sem base material.

E isto, mesmo que não entendam, é sentido ou intuído pelos cidadãos do mundo. A Nação e a Pátria já só têm significado real para aqueles povos que estão espezinhadados. E, nesse caso, a nação e a pátria são o esteio material, simbólico, político, jurídico e moral, para se libertarem como é o caso da República Sarahui, foi o caso de Timor e ainda é o caso da Tchetchénia ou do Kurdistão.

Os superiores interesses da Nação estão cada vez mais reduzidos à defesa da selecção nacional de futebol.

Eis a razão porque partidos tradicionalistas e reaccionários como o PSD e o CDS aceitaram o fim do

Serviço Militar Obrigatório. Era uma exigência da sociedade uma reivindicação sem retorno da juventude que não se revia na necessidade de ser obrigada a bater-se por interesses que lhe eram cada vez mais estranhos. O mesmo se passou noutras sociedades «civilizadas»: Se querem defender interesses privados arranjam-se com tropas privadas, profissionais da guerra.

Passou-se então ao voluntariado e profissionalismo, aliás mais despendioso. A Blackwater, ler «A Ascensão do Exército Mercenário Mais Poderoso do Mundo», é uma empresa envolvida em vários escândalos e assassinatos nos próprios EUA, mas sempre protegida pela administração norte-americana. Está envolvida na guerra do Iraque e do Afeganistão. As empresas privadas de mercenários vão paulatinamente tomando o lugar dos mercenários institucionais. No Iraque estão actualmente cerca de 120 mil soldados privados que são cada vez mais a verdadeira força de ocupação.

Servem ainda para intervir em zonas ou conflitos que interessam aos EUA mas sem estes se comprometerem visivelmente.

A guerra actual, como interesse específico do complexo industrial militar, tem agora mais uma componente geradora de liberdade do mercado: os mercenários que estimulados pelos Estados na privatização do que seria a última instância do Estado burgueês, a Defesa, poderão substituir-se a estes nomeadamente na definição dos teatros de guerra.

Dado o carácter ideológico do mercenário, ou seja tudo é permitido para ganhar dinheiro, eles representam a suprema instância da organização predadora do capital, onde a vida humana deixou de ser sequer ética e juridicamente protegida. E ainda uma vantagem especialmente apreciável: quando morrem não perturbam a opinião pública e não se suicida, quase de certeza ★